A R O U P A D O S O U T R O S

Maria Moura

A roupa dos outros

Bom era que a sabedoria fosse qualquer coisa assim, capaz de transbordar do mais cheio para o mais vazio pelo simples contato de uns com os outros – tal como nas taças a água desliza, através de fiozinhos de lã, da mais cheia para a mais vazia. Se também isso se passa com o saber, então sou eu quem se congratula com a honra de estar a vosso lado, pois creio que a sabedoria, vinda de vós em beleza e profusão, irá encher-me até aos bordos! A minha, bem vedes: é insignificante e discutível, como se de um sonho se tratasse...

Levava estas palavras de Sócrates decoradas e uma certa insegurança. Ia para a reunião na casa de uma amiga onde se falaria sobre Filosofia, todos eles, os outros convidados, mestres e doutores na matéria. E viajados, vindos de cursos na França, preparando-se para ir a Berlim estudar Kant.

Me fora encomendado ler *O banquete*, de Platão, e levar um vinho tinto. Eu levava o vinho e adorara ler *O banquete*.

Começam as apresentações, cada um falando de si e do sentido de estarmos juntos.

Eu tinha a fala pronta e adequada, mas ao me ser dada a palavra, não sei por quais caminhos se perde meu pensamento e me ponho a falar de meu curso de *balé* clássico que eu julgava perdido entre lembranças da juventude.

Mas volto aqui a este curso, agora que entendo que falei o que devia e, até certo ponto, dizendo o mesmo que diria com as palavras decoradas.

Era o Curso Oficial de Ballet ligado ao Theatro São Pedro e ministrado pela grande professora, coreógrafa, bailarina Lya Bastian Mayer. Nós, alunos, formávamos o corpo de baile do teatro. Quando vinha a Ópera de Buenos Aires e aqui se apresentava antes de seguir para o Rio e São Paulo, nós fazíamos o *balé*. Participei quando foi apresentado o *Rigoletto*, a confiar em minhas lembranças, na noite de gala em que se festejava o centenário do Theatro São Pedro. Fui uma *zingarelle*, em *La Traviata*, ópera em que também dançamos de improviso como pessoas do povo integrantes de um carnaval.

As vestes que usávamos acompanhavam a *tournée*. Em cada cidade, os bailarinos as experimentavam e uma costureira, funcionária da Ópera de Buenos Aires, fazia os ajustes necessários. Meus colegas tinham nojo, reclamavam de estar usando vestes muitas vezes mal lavadas, com resquícios de suor. Eu adorava usar a roupa dos outros. Me emocionava ao imaginar que uma vez, em Paris, alguém dançara com aquele traje. E teria sentido o mesmo arrepio ao ouvir os primeiros acordes da orquestra. Seu coração se descontrolara como o meu. E depois se acalmou, se entregou à encenação e viveu a personagem.

Era como se o talento e a sensibilidade de outros artistas se derramassem em mim através da veste. Eu me enchia de confiança.

Naquela noite em torno de Platão, me senti envolvida por conhecimentos que não são meus, eu entendo tão pouco de filosofia. Mas ouvi, encantada, as interpretações, acompanhei as falas, cheguei a dar alguma opinião. Os doutores e mestres me emprestavam suas roupas e eu as usei. Absorvi muito daqueles conhecimentos tão preciosos. E, no fim da noite, quando tínhamos provado dos vinhos que leváramos, usei vestes mais antigas: os amigos me passavam, através de seu saber, as túnicas de Platão, as palavras de Sócrates. E tudo isto, ali na Cidade Baixa, na casa de minha amiga Beth Motta (filósofa entre tantos outros saberes e qualidades), organizadora do encontro junto com o querido Juliano Fellini, pessoa iluminada, que, na época, se preparava para ir a Berlin fazer seu doutorado. Eles me convidaram com a recomendação:

– Lê o Banquete, de Platão. Traz um vinho tinto.

Numa das oficinas literárias que eu frequentei, o professor nos passou um trabalho: copiar um trecho de um autor de quem gostamos e a partir dele escrever o nosso conto. Publiquei
este conto nesta antologia. Se alguém me ler, que saiba qual é

Mas, mesmo sem eu sentir, todos os textos foram influenciados por um romance ou um conto, um poema perdido no tempo, um caso contado não lembro por quem. Então os coloco sob o mesmo título: *A roupa*

dos outros. O mote, as ideias, a inspiração passaram para mim por fiozinhos de lã a trazerem, para minha taça insignificante e discutível, a água de taças mais cheias.

Histórias de variado amor

1. Lua cheia em noite nova
2. Dona Consuelo e sua filha
3. Herança
4. Proust no baile
5. Bolero
6. Namoro arranjado
7. Miniconto
8. Teresinha vai casar
9. Uma tarde de sábado
10. Um quarto no sótão
11. História de antigamente com bonde, doce de abóbora e coração descompassado
12. Minha bela Sofia
13. A décima segunda feijoada do Alaor

Não, querido Mário, não são poemas como gentilmente sugeriste. Se acaso houver algum fiapo de poesia nestes textos, foi por distração minha ao escrevê-los.

Falam de amor, é verdade, mas é só isto.

Lua cheia em noite nova

Estamos os dois na varanda de minha casa e eu noto a ansiedade do compadre Chico. Sirvo um chá de cidreira, ele põe a mão sobre a taça, não quer açúcar. E se põe a falar:

Nossa fazenda na Palmeira você conheceu. A casa grande, os cinamomos, as figueiras do mato. Lembra?

Mas o que vou te contar aconteceu bem antes de você andar por lá.

Meu pai casara de pouco e dona Eulália, minha madrasta, era muito jovem. E eu, um gurizote. Treze, quatorze anos.

Passava da meia-noite, acordei com o latido dos cachorros, o trote chasqueiro de cavalos parando, ô de casa, o barulho da tranca e o resmungo da porta da frente. Fiquei na escuta e ouvi, vindas da sala, as saudações de meu pai. O susto se acomodou, que a voz era de paz, hospitaleira, e eu me virei de bruços para sentir a cama, o cheiro de capim-limão dos lençóis de algodão cru.

Casa de madeira, as paredes me trouxeram as conversas:

– O coronel nos desculpe pela hora.

– É só um pouso, Evaristo.

Evaristo era meu pai, você sabe. E quem chegava, o vizinho da fazenda lindeira. Vinha do

Paraná, acompanhando uma tropa, com alguns peões e o afilhado, o Osório.

– Mandei que seguissem com os animais, coronel Evaristo, e convenci meu padrinho a pedir pouso. São doze quilômetros pela frente.

– O Osório pensa que estou velho, Evaristo. Este moleque.

Falavam alto, riam.

– Eulália! – Meu pai chamou e eu ouvi os passos ligeiros, os chinelos de saltinho.

– Eles vão dormir aqui, Eulália. Você dá as ordens, chama a Negra para arrumar as camas.

– Mas quem sabe tomam um leite antes de deitar? – Ela era gentil, gostava de obsequiar.

– Não queremos dar trabalho.

Aí meu pai se entusiasmou e exagerou na hospitalidade.

– Que leite, que nada, os amigos devem estar com fome. Vão provar é uma galinha com arroz.

Os chinelos de minha madrasta vieram batendo pelo corredor. Minha imaginação se ouriçou como sempre que ouvia o tac-tac dos saltinhos. Ela era graciosa, cabelos vermelhos e lisos alcançando as costas, pele clara pintada de sardas.

Entrou no quarto, me sacudiu.

– Acorda, Chico, vai pegar uma carijó nova. Não me traz galinha velha, guri.

Saltei da cama e a segui pelo corredor. Eu não via direito, com as poucas velas acesas, mas adivinhava os calcanhares rosados e as sardas subindo pelas pernas.

Saí pela porta da cozinha. Que luar. Você não faz ideia. Tomava conta do espaço e imobilizara tudo. As carijós se empoleiravam na goiabeira. A luz prateava as folhas da árvore e as deixava tensas, crispadas. Subi pelo tronco e, com os pés firmes no galho horizontal, tentei dissipar meus pensamentos, misturá-los com aquele luar que eu sentia grudar-se no meu cabelo, na pele. As carijós mexeram as asas, cacarejaram e tratei de pegar uma, que dona Eulália tinha pressa. Imagina, àquela hora, matar, depenar, cortar pela junta. E fritar com cebola na panela de ferro para depois cozinhar com o arroz. Destronquei o pescoço da galinha ali mesmo e tentei correr até a horta, pegar manjerona. Não pude. O luar me segurava, viscoso. Meus movimentos ficaram lentos e arrastados. Não sei quanto tempo terei levado. Chegando em casa, já na porta, olhei para o céu. A lua me descontrolava, tornava alta a maré que avançava no meu peito, no corpo todo.

Para com a conversa, fica tomando chá devagarinho, longe dali.

– E aí, Chico, fizeram a galinha?

– Ah, sim. Quando entrei na cozinha, a Negra já estava com o fogo aceso, água quente, mesa posta. Entreguei a galinha e a manjerona. Dona Eulália me deu um puxão de orelha pela demora. Um puxão leve que eu senti como um carinho e levei junto para o quarto. Deitei. Tentava fugir de pensamentos que me atraíam e assustavam. Mas eles ganhavam força, me

dominaram, se repetiam, cresceram incontroláveis até eu perder o fôlego. Foi a primeira vez que senti isto, meu Deus, que pecado mais mortal. Cada vez mais fortes, os pensamentos me fizeram explodir de corpo inteiro, a imaginação presa nas pernas muito brancas pintadas de sardas. Abafei meus gemidos na fronha como se ela fosse a cabeleira ruiva de minha madrasta.

No outro dia, dona Eulália levantou azeda, andou lidando pela casa, arrumando os quartos e só se juntou a nós quase na hora do almoço.

– Tarde da noite, Evaristo, me chamar para fazer janta, eu no bom do sono – disse queixosa, a cara amarrada.

E se virou para mim baixando a voz.

– E a cama deste guri sem vergonha, os lençóis melados, já se viu?

Eu ia explicar que era do visgo da lua que se grudara em mim, mas não tive coragem de dizer nada. Baixei a cabeça e saí para o pátio.

Logo terminaram as férias e eu retornei à casa de meus avós na cidade. Aos poucos fui perdendo a culpa. Nunca falei disto para ninguém. Até esqueci este caso. Mas, de uns tempos para cá, volta e meia me vêm à memória os passos de dona Eulália pelo corredor, o luar, meu descontrole, o perfume de capim dos lençóis. Acho que a velhice purifica nossos desmandos, nos absolve. Tanto que estou repartindo contigo. De repente morro, não quero levar esta lembrança toda comigo."

Uns minutos calado e:

– Me serve mais chá. Pode pôr açúcar. Às vezes preciso me adoçar.

Dona Consuelo e sua filha

A câmara surpreende a noiva dentro de casa, no topo da escada de madeira, o trilho de linóleo tentando esconder o desgaste dos degraus. O buquê de flores de cera com cabos de arame destoa da delicadeza da noiva, a grinalda de miosótis sobre o véu de renda. Ela desce, vagarosa, e aparece na porta.

Dona Consuelo fecha os tampos das janelas do andar de cima.

Alguns vizinhos espiam de suas casas e, na esquina, há um grupo de curiosos.

Na calçada, a noiva é recebida pelo Turco da lojinha mais dona Samira, sua esposa. Abrem as portas do automóvel. Ajudam a moça a entrar e também embarcam.

O carro dá partida, a noiva com o banco de trás todo para si, o vestido tão armado e o véu e o buquê e o fato de ser uma noiva numa tarde de sábado e é outono e as paineiras estão com flores e perfumadas.

Seria o início do filme que planejo nas noites de insônia. Desta história eu presenciei muitas cenas. Mas a do casamento eu não vi, me contaram quando voltei da viagem. E cada um que a repetia, acrescentava cores e dava-lhe vida.

Imagino a Guiomar arrastando a cauda do vestido pelos sessenta degraus da igreja das Dores, braços dados com o Turco no seu terno novo. Dona Samira mais atrás, parando de quando em vez, não

fosse chegar lá em cima sem fôlego, ou manchar de suor as axilas verdes de cetim.

O noivo está no altar e também a mãe da noiva, dona Consuelo. Ela, depois de fechar a porta da casa e guardar a chave na bolsinha prateada, foi ligeiro, a pé, tão pertinho, e entrou pela porta lateral mesmo, afinal o dia era da filha. Se bem que fosse dela também, dia da promessa cumprida, da realização do sonho.

O brinde depois, no salão da Confeitaria Central, uma taça de champanhe, o bolo de três andares confeitado de pombinhas brancas sobre o glacê de claras com raspas de limão.

O sobrado em frente à nossa casa faz parte de um cenário que, de tanto ser visto, perdeu as cores. Morei muito tempo ali, bem em frente à janela da costureira, dona Consuelo, de sobrancelhas grossas e cabelos presos por uma travessa espanhola. Ela costurava para nós e é daí que a conheço mais de perto, de ir, com minha irmã, folhear os figurinos, escolher o modelo e depois voltar para experimentar um vestido, uma camisa.

– A coitada – minha irmã dizia – tomara que tenha sorte com a filha.

Dona Consuelo, mãe solteira, só no mundo com uma filha tão bonita.

Nossos amigos, os vizinhos, todos aceitavam o mau passo da outra, ela costurava tão bem e, claro, não frequentava as nossas rodas. Era um deslize do qual não sabíamos detalhes, mas imaginávamos ao ouvir

seus suspiros e ver os ombros curvados sobre a máquina Singer.

De vez em quando ela deixava escapar uma pista.

– Minha filha vai casar virgem, de véu e grinalda. Um sonho que foi meu, e me roubaram.

Enquanto minha irmã vestia a saia que fora experimentar, dona Consuelo tirava minhas medidas. E continuou o assunto:

– Antes de morrer, minha mãe me passou a incumbência: que eu casasse, tivesse vida honesta. A coitada tinha uma vontade de me ver com o buquê que foi dela. Se tiveres uma filha, me fez prometer, faz com que também case, o mesmo buquê ao entrar na igreja.

Destampou o bauzinho de folha para vermos as flores de cera.

– Morreu cedo, a minha mãe, ninguém esperava. Fui morar com meus padrinhos. Minha madrinha me cuidou do jeito que pôde. Uma coitada. Me chamava de filha, carinhosa.

Perguntei pelo padrinho, não respondeu. Continuou o assunto.

– Depois, quando eu já tinha posto peito, arredondado as ancas, ela foi ficando esquisita, desconfiada. Me ensinou a costurar, me deu esta máquina, parecia que estava me preparando para mandar embora. Como mandou mesmo, quando tudo aconteceu.

– Aconteceu o quê, dona Consuelo?

Ela marcava a bainha da saia de minha irmã, se fincou com o alfinete, foi lá dentro passar mercúrio.